

Prefácio

O povo é como um ancião que fala muito manso, muito suave e para poder escutá-lo, tem que chegar muito, muito perto¹...

Como integrante do Grupo de Trabalho – GT de Educação Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (Anped) há mais de 20 anos, tenho tido a oportunidade de escutar, ler e partilhar muitas experiências que têm essa *práxis* como sendeiro, alicerce e horizonte.

Optei por trazer, nesse breve texto, três experiências que fizeram parte de minhas vivências em que epistemologias, diálogos e saberes se escondem e se revelam, para juntar minha voz às vozes das autoras e autores dessa belíssima obra que tenho o privilégio de prefaciá-la.

1. Uma jovem professora, após contar uma história indígena para crianças com idades entre cinco e seis anos, em uma escola do interior do Estado de São Paulo, decidiu fazer uma inusual pergunta: “Então criança, vocês acham que índio é gente?” A estarrecedora resposta das crianças foi um retumbante e quase uníssono “não”! A jovem professora ficou muito incomodada e socializou o ocorrido. Igualmente incomodada, decidi partilhar sua história entre graduandas de um curso de Pedagogia, do qual era docente. Nesse momento, tive a oportunidade de problematizar a situação, uma vez que uma criança de seis anos, irmã de uma das alunas, estava presente em sala de aula. Reproduzo de memória o diálogo que se seguiu:

- Raissa, índio é gente?
- Não! [Respondeu a criança, com muita naturalidade e doçura – o que causou um choque nas alunas presentes]
- Porque não?
- Porque eles andam pelados?
- É? Que mais?
- Porque eles não comem o mesmo que a gente.
- É? Que mais?
- Porque eles não falam como a gente.
- É? Que mais?

¹ Trecho retirado do texto de Raul Leis - As palavras são noivas que esperam - reportando-se à fala de um camponês quando lhe perguntavam das razões da derrota do sandinismo nas eleições nicaraguenses em 1990. (In: Pontual, Pedro; Ireland, Timothy (org.). Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas – Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006).

- Ah, acho que é só...
- Então, eu, quando vou tomar banho, fico pelada. Você também?
- Sim! [Assentiu com certo rubor nas faces]
- E nós deixamos de ser gente por causa disso?
- Não!
- Então, eu gosto de bacalhau, você gosta?
- Bléh! Não!
- Nós gostamos de comer coisas diferentes, não é? E deixamos de ser gente por causa disso?
- Não!
- Então, tem um pessoal aí que fala: “I am Valéria, you are Raíssa”, não tem? [A menina ficou um tanto em dúvida e foi ajudada pela irmã – “os americanos”]
- Ah, tem sim!
- Nós falamos diferente deles, não é? E deixamos de ser gente por causa disso?
- Não! [Depois de um breve silêncio completou] - É, eu acho que me enganei...

O conteúdo da fecunda conversa nos leva a questionar porque crianças tão pequenas reproduzem pensamentos coloniais de maneira tão enfática e natural? Como e onde aprendem/aprenderam isso? Apesar de não ser possível aqui uma reflexão mais aprofundada, minha hipótese é que, por conta de a invisibilização dos nossos povos originários ser tão presente no cotidiano de nossas escolas, de nossos livros, de nossos filmes e programas de televisão, de nossos lares, de nossas vidas – principalmente daqueles e daquelas que vivem em ambientes urbanos e mais distanciados dos territórios populações nativas – as crianças acabam por reproduzir uma das maiores falácias inventadas pelos invasores/colonizadores: que os indígenas não têm alma, não são gente²!

E esses não são os únicos valores coloniais que são impostos e ficam impregnados em grande parte das pessoas, nos mais ínfimos gestos, desde a mais tenra idade. Mas a realidade é dialética e, felizmente, encontramos brechas. É o que nos ensina a sabedoria do camponês da citação acima: para poder entender nossa realidade, para escutar nossas crianças, jovens, adultos e idosos, para compreender a nossa História, devemos chegar perto, muito perto.

E acercar-se, acercar, estar perto, fazer-se presente, aproximar, aproximar-se, afetar-se, afetar, são ações que atravessam profundamente as *práxis* da Educação Popular, reproduzidas na boniteza e amorosidade do cuidado. Como nos ensina Carlos Brandão, a Educação Popular nos move “em direção à” para contribuir para que, solidária e coletivamente, possamos ir “além de”. E chegar perto é condição incontestante.

² Como contraponto sugiro a leitura de um precioso livro intitulado “Vocês brancos não tem alma – histórias de fronteiras”, de autoria de Jorge Pozzobon, publicado pela editora do Instituto Socioambiental (ISA), originalmente no ano de 2002.

2. Na Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio/PA, ouvi coincidentemente outra Raíssa (também com seis anos à época), contando sobre um diálogo entre Xandoca (sua irmã, de 12 anos) que cotidianamente auxiliava o pai nas mais diversas tarefas, mesmo naquelas muitas vezes destinadas a meninos. Para expressar sua gratidão, o pai resolveu presentear-a e pediu que ela escolhesse algo para comprar do Regatão que visitava a comunidade - com seu barco lotado de inutilidades somadas a algumas utilidades. Xandoca contestou:

- Não preciso de nada - tenho suficiente creme para os cabelos e minha sandália ainda está boa, nunca se rompeu...

Essa fala desvela epistemologias outras que subjazem os territórios ocupados por populações tradicionais. Quando Xandoca afirma que "não precisa de nada", ela subverte a lógica do capitalismo - essa máquina mortífera, necrófila, movida à frustração e que transforma necessidades em desejo. Ou em outras palavras, que transforma mercadorias em fetiche. A menina interpela a racionalidade capitalista e revela outra construção de seu ser no mundo, na qual o consumo é dispensável.

Atualmente, talvez mais do que nunca, estas populações encontram-se ameaçadas pela voracidade predatória do capital e do Estado, e uma das estratégias dessa necropolítica é silenciar suas vozes e ocultar suas práticas de conservação, de preservação da natureza, de reciprocidades de saberes, e também de vidas e de afetos.

3. Dois estudantes de Mestrado em Educação, pesquisadores em formação, buscaram perscrutar "os saberes que emanam da morte" ao entrevistarem dois coveiros e uma coveira sobre o que aprendiam e ensinavam em sua profissão. Findo o exercício de investigação, a explanação dos resultados foi realizada entre colegas da disciplina sob minha responsabilidade, partindo de questionamentos sobre de quem eram as frases trazidas para o debate. Cinco referenciais teóricos foram indicados em tarjetas coloridas; a tarjeta de cor branca se reportaria à/aos coveira/os. Com um painel multicolor desvelou-se de onde emergiram, majoritariamente, as epistemes que nos auxiliam a apreender formas de lidar com os problemas mais cotidianos: das próprias falas das pessoas entrevistadas.

Isso não significa que a teoria é científica, é desimportante. Pelo contrário, revela que é da própria concretude da vida que ela se constrói e para ela retorna. Com vistas a refletir pontualmente sobre esses aprendizados, tomo empresto as palavras de Clarice Lispector: "Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando

eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada”³.

Ao ter contato com essa obra organizada por Paulo Alfredo Schönardie - companheiro do GT06 - e pelas colegas Claudete Beise Ulrich e Liria Ângela Andrioli, fui tomada por uma incontida emoção. As rigorosas produções científicas, elaboradas por tantos diferentes sujeitos (muitos deles também parceiros de longa data no GT06 da ANPEd), emergidas de pesquisas e ações emancipatórias pautadas em distintas dimensões e direções, são prova cabal de que a Educação Popular está viva e pulsante em nosso país e na América Latina.

E é essa Educação Popular que se renova a partir de novos dilemas, novos desafios e, sobretudo, de novos atores, trazidos ao diálogo e convidados a partilhar saberes e epistemologias. Desse substrato vêm nascendo práticas as mais plurais de luta contra o que está posto, contra as mazelas sociais que estamos enfrentando nos momentos atuais e contra as quais precisamos somar mais e mais esforços.

À Universidade, às escolas, aos movimentos sociais, à sociedade em movimento, urge a continuidade e ampliação na construção de alternativas para o enfrentamento e luta contra toda a forma de opressão. E os autores e autoras dessa obra, com suas vozes e interações, com suas parcerias e investigações, com suas descobertas, denúncias e anúncios junto às pessoas oprimidas, marginalizadas e subalternizadas, com as populações indígenas, as populações tradicionais, na escola ou fora dela, trazem luz e esperança nesses tempos e espaços em que a justiça social está em profundo risco.

Essa importante publicação demonstra que não estamos sós, e que não são poucas as pessoas que se mobilizam em torno da garantia de respeito e valorização das mais distintas epistemologias que, rizomaticamente, insurgem no solo do Sul global. E, para espriá-las, nossas práticas se assentam incondicionalmente no diálogo e na partilha de saberes.

Não estamos sozinhas, não estamos sozinhos! Que nossas canetas, escrevendo livros, nos sirvam de arma potente de contraposição, e que juntas e juntos teçamos novas e esperançosas manhãs, como nos sugere João Cabral de Melo Neto⁴:

“Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo

³ Lispector, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

⁴ “Tecendo a manhã”. In: MELO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos”.

Valéria Oliveira de Vasconcelos⁵
São Carlos/SP
Inverno de 2022

⁵ Educadora Popular, Doutora em Educação, Professora Colaboradora da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar e Coordenadora do GT de Educação Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (Anped).